



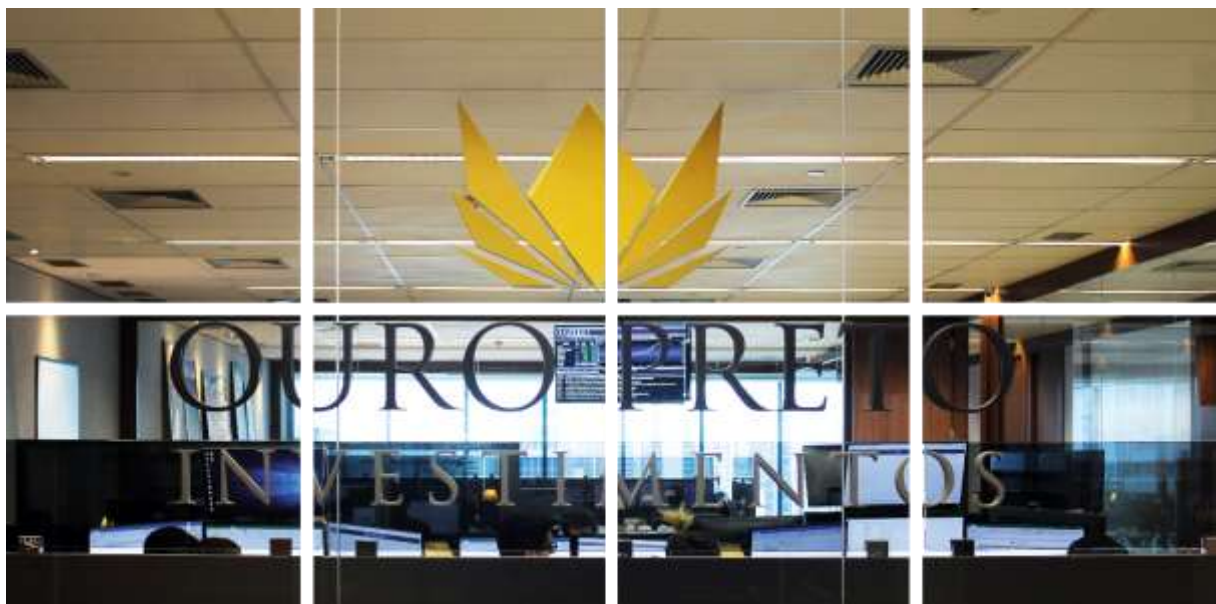
POLÍTICA DE GESTÃO DE RISCOS

("PGR")

COMITÊ DE RISCOS

OURO PRETO GESTÃO DE RECURSOS S.A.

(Abril/ 2020)



Sumário

I. OBJETIVO DO ESTUDO.....	1
II. ABRANGÊNCIA.....	1
III. PRINCÍPIOS GERAIS.....	1
IV. METODOLOGIA A PGR².....	2
1. RISCO DE MERCADO.....	3
2. RISCO DE LIQUIDEZ.....	3
3. RISCO DE CRÉDITO E CONTRAPARTE.....	4
4. RISCO OPERACIONAL.....	4
5. RISCO DE LAVAGEM DE DINHEIRO.....	5
6. RISCO DE COMPLIANCE.....	5
7. RISCO DE IMAGEM.....	6
V. INSTRUMENTOS UTILIZADOS PARA A IMPLANTAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS ADOTADOS PARA O GERENCIAMENTO DOS RISCOS.....	7
VI. DIRETOR RESPONSÁVEL.....	8
VII. COMITÊ DE GESTÃO DE RISCO.....	9
VIII. DISPOSIÇÕES GERAIS.....	11
IX. PREVISÃO REGULATÓRIA E AUTORREGULATÓRIA.....	11
ANEXO I.....	12
MANUAL DE GERENCIAMENTO DE RISCO DE MERCADO.....	12
I. METODOLOGIA DA PGR.....	13
A. GESTÃO DE RISCO DE MERCADO (ADMINISTRADORA).....	13
B. GESTÃO DE RISCO DE MERCADO (GESTORA).....	13
1. RETORNO.....	13
2. EXCESSO DE RETORNO.....	14
3. VOLATILIDADE.....	14
4. SHARPE.....	14
5. INFORMATION RATIO.....	14
6. ALPHA DE JENSEN.....	15
7. BETA.....	15
8. TREYNOR.....	16
9. ERRO QUADRÁTICO MÉDIO (EQM).....	16

10. Value At Risk (VaR).....	16
11. Limite de VaR por categoria de Fundo – monitoramento da Gestora	17
C. DEMAIS RISCOS MONITORADOS.....	18
1. RISCO DE CONCENTRAÇÃO	18
2. RISCO DE USO DE DERIVATIVOS	18
3. RISCO NAS PARCERIAS	18
MANUAL DE PROCEDIMENTOS DE CONTROLE E GERENCIAMENTO DA LIQUIDEZ DAS CARTEIRAS DOS F.I.	19
I. OBJETIVO DE ESTUDO	20
II. ABRANGÊNCIA.....	20
III. PRÁTICAS GERAIS.....	21
IV. METODOLOGIA DE GRL.....	21
A. GESTÃO DE LIQUIDEZ DOS ATIVOS DOS FUNDOS	22
1. RISCO DE LIQUIDEZ DE MERCADO	22
2. MARGENS, AJUSTES E GARANTIAS	23
3. COTAS DE FUNDOS DE TERCEIROS (FUNDOS DE OUTRAS GESTORAS).....	24
B. MONITORAMENTO DE PASSIVO.....	24
1. VALORES DE MOVIMENTAÇÃO (APLICAÇÃO/RESGATES) E COMPORTAMENTO ESTATÍSTICO DO PASSIVO	25
2. GRAU DE DISPERSÃO DA PROPRIEDADE DAS COTAS	26
3. COTIZAÇÃO DOS FUNDOS PRÓPRIOS E PRAZO PARA A LIQUIDAÇÃO DE RESGATE EM CONDIÇÕES ORDINÁRAS	26
C. DEFINIÇÃO DE CRITÉRIOS, MÉTODOS E SUPERVISÃO DE PROCEDIMENTOS	27
1. RISCO DE LIQUIDEZ ESTRESSADO	29
2. CONTINGÊNCIA PARA SITUAÇÕES ESPECIAIS DE LIQUIDEZ DAS CARTEIRAS DOS FUNDOS (ICVM 555, Art 39).....	30
3. PERIODICIDADE DO MONITORAMENTO DE GRL.....	30
D. METODOLOGIA DE CÁLCULO DE LIQUIDEZ PARA FUNDOS COM INVESTIMENTOS EM ATIVOS DE CRÉDITO PRIVADO – FUNDOS DESTINADOS AO PÚBLICO EM GERAL	30
V. ESTRUTURA DE RISCO (LIQUIDEZ) E DIRETOR RESPONSÁVEL.....	32
VI. PREVISÃO REGULATÓRIA E AUTORREGULATÓRIA	32

I. OBJETIVO DO ESTUDO

O objetivo da elaboração desta Política de Gestão de Risco (**PGR**) é manter formalizados regras e procedimentos que permitam o monitoramento, a mensuração e o ajuste permanentes dos riscos inerentes a cada uma das carteiras de valores mobiliários, estabelecendo-se práticas consistentes, objetivas e passíveis de verificação.

II. ABRANGÊNCIA

A Gestora adotará políticas, procedimentos próprios, sistemas e controles internos necessários para a gestão de riscos envolvidos no gerenciamento dos fundos de investimento e das carteiras administradas, de forma que sejam compatíveis com as necessidades mínimas de diligência.

São abrangidos por esta política todos os fundos de investimento e fundos de investimento em cotas, assim como carteiras administradas sob gestão da Ouro Preto Gestão de Recursos S.A.

Em face da abordagem do assunto apontado de forma específica na **ICVM 558, art.23, parágrafo 1º, I**, manifestando sobre os procedimentos necessários à identificação e ao acompanhamento da exposição aos riscos de mercado, de liquidez, operacionais, de crédito e de contraparte, alguns dos riscos apontados nesta **PGR** serão segregados em manuais e políticas específicas.

III. PRINCÍPIOS GERAIS

Os seguintes princípios norteadores serão considerados no estabelecimento desta **PGR**:

I – Formalismo: A Gestora terá um processo formal com metodologia definida, e a sua estrutura organizacional como responsável pela execução, pela qualidade do processo e metodologia, bem como pela guarda dos documentos que contenham as justificativas sobre decisões tomadas.

II – Abrangência: Estas diretrizes abrangem todos os fundos de investimento, fundos de investimento em cotas e as carteiras administradas.

III – Comprometimento: A Gestora deverá estar comprometida em adotar as políticas, práticas e controles internos necessários à adequada **PGR** dos fundos e carteiras.

IV – Equidade: O critério preponderante do processo de análise, fontes de dados e/ou qualquer decisão desta **PGR** assegurará tratamento equitativo aos clientes/cotistas.

V – Objetividade: As informações utilizadas no processo desta **PGR** são preferencialmente obtidas de fontes externas independentes.

VI – Frequência: A Gestão de Risco terá periodicidade diária e semanal, onde será apresentado e deliberado junto ao respectivo Comitê da Gestora.

IV. METODOLOGIA A PGR²

O processo formal da **PGR** descrito no presente manual foi desenvolvido com base em parâmetros e métricas factíveis de verificação e controle em conformidade com os critérios definidos e instituídos pela Instrução **CVM 558** e o **Código ANBIMA de Melhores Práticas para Administração de Recursos de Terceiros**, os quais dispõem sobre os critérios de observância na implementação pelas instituições da **Gestão Integrada de Riscos**.

A estrutura deste Manual de **PGR** compreenderá a identificação, implementação, monitoramento, controles internos dos riscos dos fundos de investimento e das carteiras administradas, assim como os envolvendo a Gestora como um todo.

Tais riscos mensurados e monitorados pela Gestora são de forma paralela e complementar as obrigações do Administrador Fiduciário no caso dos fundos de investimento, e sem eximir da responsabilidade deste no monitoramento de Riscos.

Riscos em investimentos podem ser entendidos pela probabilidade de alguma incerteza afetar diretamente as operações de mercado, podendo haver possibilidade de perda de parte, todo ou de montante superior ao valor originalmente investido. Ao longo dos anos, o mercado financeiro desenvolveu técnicas de mensuração e controle destes riscos, o qual veio permitir um razoável monitoramento.

Cabe observar que o controle de risco não apresenta garantia de um total sucesso na atividade de previsão. A Gestão de Risco não é capaz de eliminar a incerteza de nosso horizonte, restringindo-se tão somente a reduzir as consequências do fato de desconhecermos o que ocorrerá no próximo mês, amanhã ou dias.

Destaca-se que, tanto nos regulamentos dos fundos de investimento ou contratos de carteira administrada, se fará constar e alertar aos investidores sobre a necessidade do conhecimento pleno das características das operações, bem como o entendimento dos níveis de risco embutidos nas estratégias operacionais planejadas.

Nesta **PGR** são analisadas as classificações de riscos tradicionalmente difundidas e utilizadas nos meios acadêmicos, segundo as melhores práticas de mercado, citam-se:

² Em atenção à ICVM 558, art.23, §1º, I, II, III, IV e V.



1. RISCO DE MERCADO

É o risco associado à possibilidade de perda por oscilação nos preços de ativos diante das condições de mercado. Esse tipo de risco está relacionado às operações realizadas nos mercados de ações, câmbio, taxa de juros e commodities, que podem ser feitas através da compra e venda de ativos ou operações com derivativos.

De acordo com a Resolução 4.557/17 do Conselho Monetário Nacional, o risco de mercado é a possibilidade de ocorrência de perdas resultantes das flutuações nos valores de mercado de posições. Esta definição inclui os riscos das operações sujeitas à variação cambial, taxa de juros, dos preços de ações e dos preços de mercadorias (*commodities*).

Em face da abordagem do assunto apontado de forma específica na ICVM 558, art.23, I, a Gestora abrange esse assunto de maneira segregada e abrangente na Política de Risco – Metodologia de Gestão de Risco de Mercado (GRM), na forma do ANEXO I.

2. RISCO DE LIQUIDEZ

O estudo do Risco de Liquidez em um fundo de investimento pode assumir duas formas distintas, porém intimamente relacionadas: risco de liquidez de ativos ou de mercado e risco de

liquidez de fluxo de caixa. De forma objetiva, o primeiro deles surge quando uma transação não pode ser conduzida aos preços vigentes de mercado devido ao fato de o volume envolvido ser muito elevado em relação aos volumes normalmente transacionados e varia de acordo com os tipos de ativos, mercados em que são negociados e ao longo do tempo em função das condições de mercado.

Já o risco de liquidez de fluxo de caixa está relacionado com o surgimento de dificuldades para cumprir com as obrigações contratadas nas datas previstas, como por exemplo: taxa de administração, custódia, auditoria, impostos, entre outros, além do pagamento de resgates e compras de ativos. Estas dificuldades podem levar a liquidações antecipadas e desordenadas de ativos aumentando a exposição ao risco de liquidez de mercado.

A Resolução 4.557/17 do Conselho Monetário Nacional define como Risco de Liquidez a ocorrência de desequilíbrios entre ativos negociáveis e passivos exigíveis – “descasamentos” entre pagamentos e recebimentos – que possam afetar a capacidade de pagamento, levando-se em consideração as diferentes moedas e prazos de liquidação de seus direitos e obrigações.

Em face da abordagem do assunto apontado de forma específica na **ICVM 558, art.23, I**, a Gestora abrange esse assunto de maneira segregada e abrangente Política de Risco - Manual de Procedimentos de Controle e Gerenciamento da Liquidez das Carteiras dos Fundos de Investimento (**GRL**), na forma do **ANEXO II**.

3. RISCO DE CRÉDITO E CONTRAPARTE

O risco de crédito está diretamente relacionado ao risco de contraparte, já que este consiste no risco de inadimplemento ou atraso no pagamento pelas contrapartes (emissores e coobrigados dos ativos) das operações dos fundos de investimento ou das carteiras administradas, podendo ocasionar, conforme o caso, a redução dos ganhos ou mesmo perdas financeiras até o valor das operações contratadas.

Conforme definição do Bacen (Resolução 4.557/17), o risco de crédito é a possibilidade de ocorrência de perdas associadas ao não cumprimento pelo tomador ou contraparte de suas respectivas obrigações financeiras nos termos pactuados, à desvalorização de contrato de crédito decorrente da deterioração na classificação de risco do tomador, à redução de ganhos ou remunerações, às vantagens concedidas na renegociação e aos custos de recuperação.

Em face da abordagem do assunto apontado de forma específica na **ICVM 558, art.23**, a Gestora abrange esse assunto de maneira segregada e abrangente na Política de Risco - Política de Aquisição e Monitoramento de Crédito Privado (**PAMC**), na forma do **ANEXO III**.

4. RISCO OPERACIONAL

É o risco proveniente de falhas de sistema, erro humano, falha de gestão ou, simplesmente, falha de controle e transparência dos sistemas adotados. A Resolução 4.557/17 do Conselho Monetário Nacional define como Risco Operacional a possibilidade de ocorrência de perdas

resultantes de falha, deficiência ou inadequação de processos internos, pessoas e sistemas ou de eventos externos.

A Gestora empenhará seus melhores esforços na manutenção de uma infraestrutura adequada e transparente ao perfeito funcionamento das atividades e de todas suas rotinas operacionais.

Em face da abordagem do assunto apontado de forma específica na **ICVM 558, art.23, I**, a Gestora abrange esse assunto de maneira segregada e abrangente em: Manual de Compliance - Regras, Procedimentos e Controles Internos, incluso Comitê de Compliance.

Em que pese os riscos elencados abaixo, nos itens 5, 6 e 7, não estarem diretamente relacionados aos “riscos inerentes a cada uma das carteiras de valores mobiliários” citados na ICVM 558, art.23,§1º, I, entende-se que estes também devem ser identificados e monitorados, já que as consequências destes riscos podem afetar, mesmo que indiretamente, a qualidade e desempenho das atividades de gestão de recursos.

5. RISCO DE LAVAGEM DE DINHEIRO

A Gestora deve adotar políticas, procedimentos próprios, sistemas e controles internos necessários para a gestão de riscos envolvidos na Lavagem de Dinheiro, Financiamento ao Terrorismo e Corrupção, de forma que sejam compatíveis com as necessidades mínimas de diligência.

Em face da relevância do assunto e das consequências deste risco em afetar, mesmo que indiretamente, a qualidade e desempenho da gestão dos recursos, a Gestora abrange esse assunto de maneira segregada e abrangente em: Política de Risco – Processo de Conheça seu Cliente - KYC/ Política de Prevenção à Lavagem de Dinheiro e Financiamento ao Terrorismo - PLDFT/ Normatização de Combate à Corrupção – NCC;

6. RISCO DE COMPLIANCE

A Gestora buscará sempre atender a todas as exigências legais na prestação de obrigações legais informativas aos órgãos reguladores e autorreguladores, em relação a empresa e seus produtos, principalmente seus fundos de investimento.

No caso da Gestora, pode ser atribuído o Risco Legal a possibilidade de perdas decorrentes de documentação insuficiente, falta de poderes dos representantes da contraparte para assumir o compromisso, desconhecimento de algum aspecto jurídico relevante, gerando a incapacidade de se implementar uma cobrança, por falta de amparo legal.

- Política de Risco de Compliance

A Gestora manterá lista atualizada com obrigações contemplando serviços de gestão e administração.

O **controle interno** relacionado a este risco é denominado internamente como quadro de “Obrigações Periódicas”, destacando-se as obrigações cumpridas no mês anterior e obrigações para o mês seguinte.

A frequência deste procedimento/monitoramento será de periodicidade mensal, apresentado em primeira reunião mensal do Comitê de Gestão de Risco.

O registro deste evento poderá ser constatado em meio eletrônico e em registro de atas do respectivo Comitê de Gestão de Risco, arquivadas em pasta digital relacionada ao assunto. A evidência em caso de incidência efetiva deste risco deverá ser apontada no referido Comitê.

Tenha-se para conhecimento que a CVM, em caso de não cumprimento de alguma obrigação legal ou Instruções, é autorizada a impor as seguintes penalidades:

- (i) advertência;
- (ii) multa;
- (iii) suspensão do exercício de cargo de administrador;
- (iv) inabilitação temporária, entre outros.

7. RISCO DE IMAGEM

Este risco está diretamente relacionado à possibilidade de perdas decorrentes da instituição em ter sua imagem ou nome desgastado junto ao mercado ou às autoridades, em razão de comportamento inadequado de seus colaboradores ou publicidade negativa, verdadeira ou não.

Os sócios, executivos e funcionários devem zelar pela imagem da Gestora, através de elevada postura profissional e atuarem em conformidade com o **Código de Ética e Conduta - CEC**, o qual foi elaborado atendendo rígidas normas de conduta pessoal e profissional. Os colaboradores ao serem contratados são treinados, tomam conhecimento das políticas e manuais da Gestora e atestam por escrito o dever de cumprir seu conteúdo. Anualmente o Diretor de Compliance faz, junto aos colaboradores, a atualização e reciclagem do Código de Ética e Conduta e do Manual de Compliance.

- Política de Risco de Imagem

O **controle interno** e a **frequência** de monitoramento relacionada a este risco se darão pela apresentação mensal, junto à primeira reunião do Comitê de Gestão de Risco no mês, de um relatório de consulta de crédito em nome da Gestora, além de relatório de pesquisas na rede mundial de computadores sobre fatos relevantes ou artigos relacionados a esta.

O **registro** deste evento poderá ser constatado em meio eletrônico e em registro de atas do respectivo Comitê de Gestão de Risco, arquivadas em pasta digital relacionada ao assunto. A evidência em caso de incidência efetiva deste risco deverá ser apontada no referido Comitê.

V. INSTRUMENTOS UTILIZADOS PARA A IMPLANTAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS ADOTADOS PARA O GERENCIAMENTO DOS RISCOS

De forma geral, adotam-se os instrumentos abaixo para implantação dos procedimentos de gerenciamento dos riscos explorados nesta PGR.

Softwares:

- i. Tableau: análise diária de enquadramento dos Fundos de Investimento em Direitos Creditórios e acompanhamento de risco dos cedentes;
- ii. Risk Money: base de informações de pessoas jurídicas e físicas, auxiliando no processo de PLDFT e de risco de crédito cedente/devedor;
- iii. Neoway: plataforma Big Data – Sistema de Inteligência Multi-Mercado, para acesso de informações de pessoas jurídicas e físicas, auxiliando no processo de PLDFT e de risco de crédito/cedente/devedor;
- iv. Economática: base de informações do mercado financeiro e de capitais; e
- v. Britech Risk Hub: acompanhamento diário de exposição de risco dos ativos que compõem as carteiras dos fundos.

Sistemas internos:

- i. Planilha de Evolução das Carteiras: processamento diário das informações das carteiras dos fundos;
- ii. Planilha de PDD: processamento diário das informações dos estoques dos fundos;
- iii. Planilha de Liquidação: processamento diário das informações dos arquivos de liquidação de direitos creditórios dos fundos;
- iv. Planilha de Consolidação: consolidação das informações alimentadas e geradas nas planilhas anteriores;
- v. Planilha de Subordinação: acompanhamento diário dos índices de subordinação dos fundos;
- vi. Planilha de Controle de Rating: lançamento e acompanhamento das notas das séries e classes de cotas dos fundos por data de emissão;
- vii. Planilha de Monitoramento de Rentabilidade: controle diário da rentabilidade alvo das cotas dos fundos;

- viii. Relatório de Análise Diária: com a consolidação dos dados acima, é elaborado relatório contendo dados de diversas variáveis, tais como, evolução do valor da cota, índices de recompra, concentração de cedentes e sacados, stress de crédito, exposição de passivo, prazo médio da carteira e enquadramento;
- ix. Relatórios de Análise Mensal: formação de lâminas dos fundos de divulgação mensal, contendo as informações colhidas acima em forma de tabelas e gráficos;
- x. Planilha de Stress Test: simulação de cenários extremos de inadimplência dos direitos creditórios que compõem as carteiras dos fundos;
- xi. Planilha de Risco de Liquidez: acompanhamento diário do fluxo de caixa dos ativos e o histórico de movimentações de passivo, onde se mensura a capacidade de liquidez dos ativos da carteira do fundo versus a projeção de resgates do fundo.

VI. DIRETOR RESPONSÁVEL

Conforme a ICVM 558, art.23, deve ser designado um profissional responsável perante a Gestora o qual deverá monitorar e mensurar os riscos inerentes a cada uma das carteiras de valores mobiliários. Abaixo apresentamos informações do Diretor de *Compliance* e Riscos, responsável pela gestão de riscos:

Informações do Diretor Estatutário
Nome: Sr. João Baptista Peixoto Neto
Cargo: Diretor de <i>Compliance</i> e Riscos
Telefone para Contato: (11) 3080-8170
E-mail para Contato: risco@ouopretoinvestimentos.com.br

São atribuições do Diretor responsável pela gestão de riscos⁵:

- i. verificar o cumprimento da política escrita de Gestão de Risco;
- ii. avaliar o relatório da exposição a risco da carteira de valores mobiliários sob gestão, em frequência, no mínimo, mensal; e
- iii. supervisionar diligentemente, se houver, terceiro contratado para mensurar os riscos inerentes a cada uma das carteiras de valores mobiliários.

Será facultado, ainda, ao Diretor responsável pela gestão de riscos emitir ordens perante corretoras, de forma a permitir que este, em uma emergência, realize as operações necessárias para a adequação das carteiras ou fundos aos limites de riscos. No entanto, a efetiva utilização

da prerrogativa será admissível apenas em situações excepcionais, nos termos do Ofício-Circular nº 10/2015/CVM/SIN.

A Gestora atesta que os colaboradores dedicados às atividades de gerenciamento de risco e seu Comitê específico não estão subordinados à área de Gestão de recursos ou a qualquer área comercial, devendo o diretor responsável pela administração de carteiras de valores mobiliários tomar as providências necessárias para ajustar a exposição aos riscos das carteiras, com base nos limites previstos nas políticas da Gestora e nos regulamentos dos fundos de investimento.

Por fim, a Gestora reforça que os colaboradores dedicados às atividades de gerenciamento de riscos e seu Diretor não se envolverão em atividades entendidas como limitadoras de sua independência.

VII. COMITÊ DE GESTÃO DE RISCO

Dada à relevância do assunto, há na estrutura da Gestora um Comitê de Gestão de Risco, o qual é responsável pela assessoria e monitoramento das operações envolvendo fundos de investimento. Entende-se que a deliberação, por meio de um Comitê, é uma forma de reduzir possíveis vieses subjetivos da análise dos riscos.

O Comitê de Gestão de Risco empenha os melhores esforços no monitoramento, enquadramento e adequação dos portfólios aos seus respectivos regulamentos e mandatos. Tais acompanhamentos são suportados por relatórios de exposição ao risco de cada carteira de valores mobiliários sob Gestão e os controles internos são suportados por terceiros contratados ou desenvolvidos internamente.

Caberá a coordenação deste Comitê ao Diretor responsável pela gestão de riscos, devendo o Comitê reunir-se às sextas-feiras, às 15h00min horas, antecipando-se para o dia anterior em caso de feriado, com a presença de no mínimo 03 (três) membros, ficando condicionada a presença do Diretor responsável pela gestão de riscos ou, na ausência deste, um coordenador/analista de riscos ou compliance. Poderá ocorrer reunião extraordinária quando necessária.

O Comitê de Gestão de Risco é constituído pelo: i) Diretor de Compliance e Riscos; ii) Coordenador de Riscos ou, na sua ausência, pelo Analista de Riscos; e iii) Diretor de Gestão de Recursos. Eventualmente poderão ser convidados outros colaboradores para tomarem parte nas reuniões do Comitê.

São atribuições do Comitê de Gestão de Risco:

- i. monitoramento da exposição a riscos e a aderência dos fundos a seus respectivos mandatos e expectativas de rentabilidade. Os principais focos de avaliação em relatórios apresentados serão o Valor em Risco (limites de VaR – *Value At Risk*), concentração e liquidez da carteira e performance do Fundo;
- ii. acompanhamento da exposição de mercado, crédito e derivativos junto aos fundos de investimentos sob gestão;
- iii. fazer as recomendações que julgar apropriadas
- iv. avaliar se as ordens de enquadramento solicitadas pelo Comitê de Gestão de Risco, Diretor responsável pela gestão de riscos ou Administrador do Fundo, quando for o caso, foram devidamente acatadas pela equipe de gestão;
- v. certificar a conformidade dos riscos auferidos nos Fundos em relação às normas e regras técnicas e legislação, ou ainda sugerir outras medidas de risco e performance;
- vi. apreciar em Comitê os relatórios emitidos pelo Administrador, quando este também apresentar relatórios com abordagem de risco;
- vii. rever e propor atualização da metodologia de risco, quando necessário;
- viii. verificar conformidade ou não dos riscos monitorados envolvendo operações na semana, em relação às normas e regras técnicas, legislação e os respectivos regulamentos dos Fundos, sendo certo que as situações de monitoramento que apresentarem alguma inconformidade, além de reportar o fato ao Comitê de Investimento, deverão ser apresentadas as recomendações proativas e o prazo para a regularização da situação pelo Comitê de Investimento; e
- ix. Conduzir quaisquer outros assuntos necessários para assegurar o cumprimento das metas estabelecidas para os investimentos, observando as condições de segurança, rentabilidade, solvência e liquidez das aplicações.

Para desempenhar suas atividades, o Comitê de Gestão de Risco pode receber cooperação de consultores externos que provejam informação, orientação e suporte técnico.

O Comitê de Riscos e o Diretor de *Compliance* e Riscos possuem a prerrogativa de determinar a diminuição ou, até mesmo, a "zeragem" das posições dos fundos visando o cumprimento de seus respectivos mandatos e a preservação do interesse dos clientes dos Fundos.

As decisões de investimento devem ser documentadas de modo consistente e passível de verificação, por exemplo, por meio de atas das reuniões do Comitê de Gestão de Risco assinadas pelos participantes. Quando for o caso, além da deliberação final, as atas devem incluir registro

documental dos fatores que fundamentaram as decisões tomadas, como, por exemplo, as informações e os materiais apresentados neste Comitê.

As atas e o material de suporte referente ao Comitê de Gestão de Risco serão mantidos por no mínimo cinco anos e disponibilizados à consulta dos órgãos reguladores, caso sejam solicitados.

VIII. DISPOSIÇÕES GERAIS

Neste documento, a Gestora detalha os principais pontos da estratégia de sua PGR que irão vigorar no período de um ano (janeiro - dezembro). Esta política será submetida à revisão anual ou em períodos inferiores a este, sempre que necessário, com o intuito de preservar as condições de segurança, rentabilidade, solvência e liquidez dos investimentos por conta da conjuntura econômica vigente ou alteração legal.

IX. PREVISÃO REGULATÓRIA E AUTORREGULATÓRIA

<ul style="list-style-type: none">• CVM	Instrução CVM nº 558, de 26 de março de 2015 (“ICVM 558”). Art. 14. O administrador de carteiras de valores mobiliários, pessoa jurídica, deve manter página na rede mundial de computadores com as seguintes informações atualizadas: (...) IV – Política de gestão de risco; Art. 23. O gestor de recursos deve implementar e manter política escrita de gestão de riscos que permita o monitoramento, a mensuração e o ajuste permanentes dos riscos inerentes a cada uma das carteiras de valores mobiliários. I – os procedimentos necessários à identificação e ao acompanhamento da exposição aos riscos de mercado, de liquidez, de concentração, de contraparte, operacionais e de crédito, que sejam relevantes para as carteiras de valores mobiliários;
<ul style="list-style-type: none">• Ofício-Circular nº 10/2015/CVM/SIN	Este Ofício-Circular apresenta esclarecimentos sobre dispositivos da ICVM 558, com o objetivo de orientar quanto à melhor forma de cumprir a referida norma.

ANEXO I**MANUAL DE GERENCIAMENTO DE RISCO DE MERCADO****("GRM")****"MANUAL DE GRM"****(GERENCIAMENTO DE RISCO DE MERCADO)**

I. METODOLOGIA DA PGR

O Gerenciamento de Risco de Mercado das Carteiras geridas pela OURO PRETO é efetuado pela:

- Administradora dos Fundos e Gestora: ou
- Apenas pela Gestora, quando essa exercer a função conjunta de administrador.

A seguir, serão detalhados os tipos de gerenciamento de risco efetuados sobre as carteiras geridas pela OURO PRETO.

A. GESTÃO DE RISCO DE MERCADO (ADMINISTRADORA)

O Administrador adota uma política de controle de Risco de Mercado para os Fundos de Investimento sob sua administração. O cumprimento dessa política está previsto em Contrato de Gestão celebrado entre Administrador e Gestora. Esses parâmetros podem ser alterados de acordo com mudanças estruturais no mercado, ou a qualquer momento a critério do Administrador.

Caso algum limite seja excedido, a Administradora emite um alerta à Gestora para que a mesma atue visando restabelecer os padrões de Risco permitidos, ou pode ainda compulsoriamente buscar o enquadramento ao padrão de Risco, através da interação direta na carteira do Fundo.

B. GESTÃO DE RISCO DE MERCADO (GESTORA)

O controle do Risco de Mercado pela Gestora é efetuado através do acompanhamento diário de indicadores de risco e performance de cada Fundo sob gestão.

A seguir são definidos os Indicadores de Risco e Performance analisados pela OURO PRETO e seus respectivos cálculos.

1. RETORNO

O retorno efetivo do Fundo é obtido pela taxa de variação da cota.

$$r = \left(\frac{C_t}{C_{t-1}} \right) - 1$$

Em que :

C_t : é o valor da cota na data t

C_{t-1} : é o valor da cota na data t-1.

2. EXCESSO DE RETORNO

O excesso de retorno é definido pela diferença entre o retorno efetivo do fundo e do benchmark.

$$\text{Excesso de Retorno} = r_f - r_b$$

Em que:

r_f : é o retorno efetivo do fundo;

r_b é o retorno efetivo do benchmark.

3. VOLATILIDADE

A volatilidade é calculada pelo método de máxima verossimilhança. A volatilidade de um ativo é igual ao desvio padrão de sua série histórica de retornos.

$$\sigma_f = \sqrt{\frac{\sum_{i=1}^n (r_{f,i} - \bar{r}_f)^2}{n - 1}}$$

4. SHARPE

Indica o excesso de retorno histórico médio por unidade de risco, dado por:

$$\text{Sharpe} = \frac{\bar{r}_f - \bar{r}_{sr}}{\sigma_f}$$

Em que:

\bar{r}_f : é o retorno médio do fundo;

\bar{r}_{sr} : é o retorno médio do ativo livre de risco;

σ_f : é a volatilidade do fundo.

5. INFORMATION RATIO

Assim como o Sharpe, indica o excesso de retorno sobre o risco, só que sem considerar o retorno do ativo livre de risco.

$$\text{Information Ratio} = \frac{\bar{r}_f}{\sigma_f}$$

Em que:

\bar{r}_f : é o retorno médio do fundo;

σ_f : é a volatilidade do fundo.

Tecnicamente, quanto maior o Information Ratio e o Índice de Sharpe, (outras variáveis mantidas constantes) melhor a performance de investimento.

6. ALPHA DE JENSEN

De acordo Alpha de Jensen, o retorno esperado de um ativo i , é definido através da seguinte equação:

$$E(r_i) - E(r_{sr}) = \alpha + \beta[E(r_b) - E(r_{sr})]$$

Na qual definimos o valor esperado, $E(r)$, como sendo o retorno médio do ativo. O alpha (α), também conhecido como Índice de Jensen, mede o excesso de retorno obtido pelo fundo após ajuste pelo risco sistemático.

$$\alpha = (\bar{r}_f - \bar{r}_{sr}) - \beta(\bar{r}_b - \bar{r}_{sr})$$

Em que:

\bar{r}_f : é o retorno médio do fundo;

\bar{r}_{sr} : é o retorno médio do ativo livre de risco;

\bar{r}_b : é o retorno médio do benchmark;

β : é o risco sistemático.

O alpha apresenta a performance da carteira ajustada ao risco sistemático. Assim, pode-se dizer que ele mede a capacidade e habilidade gerencial dos administradores de carteira; com o objetivo de obter retornos superiores àqueles que poderiam ser esperados, dado o nível de risco da carteira de investimentos, pela previsão bem sucedida de preços dos ativos.

Dessa forma, alpha positivo indica que o gestor conseguiu proporcionar à sua carteira, um desempenho superior ao esperado de acordo com o risco sistemático.

7. BETA

Podemos verificar o beta do fundo, que mede o risco sistemático do fundo.

Beta acima de 1 é mais volátil que o benchmark, enquanto um coeficiente menor que 1 é menos volátil que o referido índice.

No Relatório, tanto Alpha como Beta foram obtidos através dos coeficientes do modelo de regressão linear aplicado aos dados.

8. TREYNOR

Mede o excesso de retorno por unidade de risco sistemático em vez do risco total, como no Índice de Sharpe.

$$\mathbf{Treynor} = \frac{\overline{r_f} - \overline{r_{sr}}}{\beta}$$

Em que:

$\overline{r_{sr}}$: é o retorno médio do ativo livre de risco;

$\overline{r_f}$: é o retorno médio do fundo;

β : é o risco sistemático.

9. ERRO QUADRÁTICO MÉDIO (EQM)

O EQM é um indicador de desempenho de fundos de investimentos que mede como o fundo acompanha o benchmark.

Quanto maior o EQM, maior o distanciamento entre o fundo e seu benchmark.

$$\mathbf{EQM} = \sqrt{\frac{\sum_{i=1}^n (r_{f,i} - r_{b,i})^2}{n - 1}}$$

10. Value At Risk (VaR)

O VaR procura resumir em um único número a perda esperada máxima dentro de certo prazo e com determinado grau de confiança estatística.

A abordagem consiste em recuar no tempo nos últimos N dias e aplicar a composição atual do portfólio a uma série histórica temporal de retorno dos ativos, onde tem-se:

$$\mathbf{R_{p,k}} = \sum_{i=1}^N (w_{i,t} * R_{i,k}); k = 1, 2, \dots, t$$

$w_{i,t}$: é o peso de cada ativo.

É importante notar que os pesos são mantidos nos valores correntes e o retorno obtido não representa o retorno do portfólio atual, e sim reconstitui o histórico da carteira hipotética utilizando as posições correntes.

O VaR é obtido a partir da distribuição de retornos hipotéticos, onde se atribui a cada cenário histórico o mesmo peso (1/t).

11. Limite de VaR por categoria de Fundo – monitoramento da Gestora

O monitoramento e controle do risco dos Fundos sob gestão da OURO PRETO, assim como fundos externos que vierem a ser aportados por esses, será feito através do Value at Risk - VaR.

O Ouro Preto Investimentos adotará os seguintes parâmetros para o cálculo do VaR dos fundos monitorados:

- Intervalo de Confiança: 95%
- Horizonte de tempo: 21 dias úteis.
- Modelo: não paramétrico

A Gestora adotará os seguintes limites de monitoramento do VaR:

Fundos	Limite de VaR
Fundos Renda Fixa	2,00%
Fundos Multimercado	6,00%
Fundo de Ações	12,00%
Outros Fundos (FIDC, FII, FIP)	2,00%

A revisão das métricas, parâmetros e limites usados no cálculo de risco descritos nessa Política será realizada no mínimo anualmente pelo Comitê de Risco, sendo definidos no início de cada ano. Revisões extraordinárias poderão ocorrer sempre que eventos de mercado coloquem em dúvidas os parâmetros e limites em vigor. Essa revisão anual será por análise de consistência dos VaRs com os retornos históricos dos fundos, para tanto se utilizará o backtesting para a validação do modelo de risco de mercado adotado pela gestora, onde a comparação da frequência de perdas que excedem o VaR com o nível de confiança estatístico adotado dará uma indicação da eficiência do modelo.

Eventuais desenquadramentos serão comunicados imediatamente ao Diretor de Compliance/Risco, explicando o motivo do desenquadramento, o qual se manifestará para prosseguir ou não com o enquadramento.

C. DEMAIS RISCOS MONITORADOS

1. RISCO DE CONCENTRAÇÃO

É política da OURO PRETO, adotar uma diversificação no portfólio de seus fundos, evitando assim a concentração em títulos e valores mobiliários de um mesmo emissor, que possa ocasionar o aumento de risco para o Fundo, uma vez que o seu desempenho estará diretamente atrelado ao desempenho daquele emissor. A concentração em somente um setor pode levar ao fundo correr riscos de concentração setorial caso o setor não desempenhe bem. Tal risco é sempre ponderado no regulamento de cada Fundo.

2. RISCO DE USO DE DERIVATIVOS

A OURO PRETO trata com extrema cautela o uso de derivativos (aplicações nos Mercados Futuros), pois adotamos as seguintes estratégias:

- **Hedge:** Por exemplo, quando identificarmos a expectativa de queda no mercado de ações, poderemos vender Índice Futuro visando reduzir a desvalorização da carteira à vista. Eventualmente, por questões técnicas do instrumento derivativo utilizado, este pode não oferecer uma proteção perfeita da carteira do Fundo, causando descasamento de preços entre o ativo protegido e seu derivativo. Tal risco é sempre ponderado no regulamento de cada Fundo.
- **Alavancagem:** A OURO PRETO adotará essa estratégia somente quando claramente for explícito na estratégia do Fundo, em seu regulamento e política de investimento, e com perfil de investidor adequado ao risco.

3. RISCO NAS PARCERIAS

Trabalhamos com instituições seguras e renomadas, entre as quais cita-se como exemplo:

- Banco New York Mellon – Administrador
- Banco Bradesco e Deutsche Bank - Custodia
- KPMG – Auditor

**MANUAL DE PROCEDIMENTOS DE CONTROLE E GERENCIAMENTO DA
LIQUIDEZ DAS CARTEIRAS DOS F.I.**

(“GRL”)

“MANUAL DE GRL”

(GERENCIAMENTO DE RISCO DE LIQUIDEZ)

I. OBJETIVO DE ESTUDO

O estudo do Gerenciamento de Risco de Liquidez - **GRL** em um fundo de investimento pode assumir duas formas distintas, porém intimamente relacionadas: risco de liquidez de ativos ou de mercado e risco de liquidez de fluxo de caixa. De forma objetiva, o primeiro deles surge quando uma transação não pode ser conduzida aos preços vigentes de mercado devido ao fato de que o volume envolvido ser muito elevado em relação aos volumes normalmente transacionados e varia de acordo com os tipos de ativos, mercados em que são negociados e ao longo do tempo em função das condições de mercado. Já o risco de liquidez de fluxo de caixa está relacionado com o surgimento de dificuldades para cumprir com as obrigações contratadas nas datas previstas, como por exemplo: taxa de administração, custódia, auditoria, impostos, entre outros, além do pagamento de resgates e compras de ativos. Estas dificuldades podem levar a liquidações antecipadas e desordenadas de ativos aumentando a exposição ao risco de liquidez de mercado.

Desta forma o objetivo deste Manual de **GRL** é estabelecer controles e procedimentos para gerenciamento de risco de liquidez das carteiras dos fundos de investimento sob gestão da Ouro Preto Gestão de Recursos S.A.

O presente manual apresenta-se como uma extensão do assunto **Risco de Liquidez** exposto na **Política de Gestão de Riscos (GRL)** da Gestora, em face da abrangência do assunto.

II. ABRANGÊNCIA

O administrador e o gestor devem, conjuntamente, adotar as políticas, procedimentos e controles internos necessários para que a liquidez da carteira do fundo seja compatível com:

- a) os prazos previstos no regulamento para pagamento dos pedidos de resgate, e
- b) o cumprimento das obrigações do fundo. (ICVM 558, art.91)

São abrangidos por este manual todos os fundos de investimento e fundos de investimento em cotas sob gestão da Ouro Preto Gestão de Recursos S.A., constituídos sob a forma de condomínio aberto, para os quais os cotistas podem solicitar o resgate de cotas a qualquer momento. Excetuam-se destas Diretrizes os fundos exclusivos e/ou restritos, assim como os fundos estruturados, como FIP's e FIDC's não são considerados neste controle devido às especificidades de seus ativos. Caso um fundo de investimento perca sua característica de fundo exclusivo ou restrito, ser-lhe-ão aplicáveis imediatamente todas as regras gerais aplicáveis aos demais fundos.

A Instituição Participante administradora do Fundo de Investimento (“Administrador”) deve fornecer os dados necessários para a Gestora implementar as disposições destas Diretrizes, especialmente em relação a característica do passivo do Fundo.

A Instituição Participante Gestora do Fundo de Investimento (“Gestor”) deve comunicar o Administrador dos eventos de iliquidez dos ativos financeiros componentes da carteira do Fundo.

III. PRÁTICAS GERAIS

Neste documento, a Gestora detalha os principais pontos da estratégia de seu **GRL** que irão vigorar no período de um ano (janeiro - dezembro). Esta política será submetida à revisão anual ou em períodos inferiores a este, sempre que necessário, com o intuito de preservar as condições de segurança, rentabilidade, solvência e liquidez dos investimentos por conta da conjuntura econômica vigente, alteração legal bem como a crescente sofisticação e diversificação dos ativos, de forma a garantir que esses reflitam a realidade de mercado.

Este manual encontra-se registrado na ANBIMA, e será registrado novamente sempre que houver alterações, respeitado o prazo de até 15 dias contados de sua alteração ou da alteração das práticas anteriormente registradas.

IV. METODOLOGIA DE GRL

O processo formal de gerenciamento de risco de liquidez descrito no presente manual foi desenvolvido com base em parâmetros e métricas factíveis de verificação e controle.

Primeiramente, os fundos de investimentos geridos serão separados de acordo com a composição e dispersão de cotista (exclusivo ou não).

Para os fundos de investimento com cotistas exclusivos e/ou restritos o controle do risco de liquidez não será efetuado pela Gestora uma vez que nestas estruturas o investidor possui uma gestão de ativos e passivos totalmente direcionada aos seus objetivos, de forma que tal controle se torna desnecessário para estas estruturas.

A estrutura deste Manual de **GRL** compreenderá a identificação, implementação, monitoramento, controles internos dos fundos de investimento sob gestão.

Por sua vez, em relação aos fundos de investimento não exclusivos, **a estrutura deste Manual de GRL abordará, levando em consideração a concentração e movimentação dos fundos, no mínimo, os seguintes aspectos:**

- a. Gestão de liquidez dos ativos dos fundos (Fluxo de Caixa)

- b. Monitoramento do passivo
- c. Definição de critérios, métodos e supervisão de procedimentos
- d. Metodologia de cálculo de liquidez para fundos com investimentos em ativos de crédito privado – fundos destinados ao público em geral.

Em relação à base de informações e dados necessários, abrangerá:

- a. Cotização dos Fundos de Investimento ou Fundos de Investimento em Cotas;
- b. Cotização dos Fundos de Investimento Investidos;
- c. Histórico de um ano dos valores de aplicação e de resgate;
- d. Tipificação dos ativos financeiros (títulos públicos, ações, CDBs, Debêntures, Futuros, Opções, etc.);
- e. Histórico de variação do Patrimônio Líquido;
- f. Posição de ativos em garantia;
- g. Composição do passivo – concentração e dispersão dos cotistas;

O **GRL** é realizado individualmente, por fundo, considerando a liquidez dos diferentes ativos financeiros e as obrigações do fundo levando em consideração também o prazo de resgate para cada Fundo.

O **GRL** dos fundos de investimento será mensurado e monitorado pela Gestora de forma paralela e complementar as obrigações do Administrador Fiduciário, e sem eximir a responsabilidade deste no monitoramento.

A. GESTÃO DE LIQUIDEZ DOS ATIVOS DOS FUNDOS

A gestão da liquidez dos ativos dos fundos é fundamental na questão de se mitigar o seu risco de liquidez de fluxo de caixa. Resgates de cotas, compra de ativos, encargos, taxa de administração, dentre outros, constituem as saídas de fluxo de caixa de um fundo de investimento. Por sua vez, aplicações de cotistas, venda de ativos da carteira, ajustes diários positivos, dentre outros estão relacionados às entradas financeiras.

1. RISCO DE LIQUIDEZ DE MERCADO

Este risco é proporcional ao saldo financeiro exigido no fluxo e ao tempo necessário para a execução da ordem de venda dos ativos. A medida mais utilizada para mensurar o risco de liquidez de mercado de uma carteira é o número de dias para liquidar certa posição.

A liquidez dos ativos será acompanhada de forma individual, dependendo da natureza do ativo e dentre os quais se destacam conforme os critérios abaixo:

- Títulos Públicos: será considerado como posição líquida todo o valor que constar na carteira;
- Operações compromissadas lastreadas em Títulos Públicos: são operações com vencimento em 1 (um) dia útil e, portanto, consideradas 100% (cem por cento) líquidas;
- Certificados de Depósito Bancário (CDBs): CDBs serão considerados líquidos de acordo com sua data de vencimento.
- Debêntures: as debêntures serão consideradas líquidas de acordo com as regras de amortização estabelecidas de acordo com sua escritura, ou ainda, considerada a venda no mercado secundário com liquidez imediata;
- Letra de Câmbio (LC): a liquidez destes ativos será considerada apenas de acordo com sua data de vencimento

Desta forma, a Gestora determinará a liquidez de suas carteiras a partir dos valores de volume médio diário negociado de cada ativo em relação à quantidade desse ativo na carteira.

Assumimos que, no limite, iremos participar em até 20% (vinte por cento) do volume médio diário, fazendo a razão da quantidade do ativo na carteira pelo número de negócios que conseguimos fazer deste ativo temos o número de dias necessários para desfazer a posição.

Assim, o número de dias necessários para se liquidar cada ativo é obtido através da seguinte equação:

$$Dliq_i = \frac{Q_i}{20\% * \bar{Q}_{mercado}}$$

Onde:

Q_i é a quantidade do ativo i na carteira;

$\bar{Q}_{mercado}$ é a média da quantidade diária negociada em mercado do ativo “ i ” nos últimos 15 (quinze) dias úteis.

Para informação da quantidade diária dos ativos negociados, se buscará fontes de dados quantitativos preferencialmente públicas e independentes, tais como bolsas, clearings, Banco Central e provedores de dados externos.

2. MARGENS, AJUSTES E GARANTIAS

Todo ativo depositado como margem de garantia de um fundo gerido deixa de ser contabilizado no fluxo de liquidez dele.

Os ativos depositados como garantia ou margem terão seu prazo de venda a contar da data de liquidação das demais posições do fundo, quando esses deverão ser liberados.

3. COTAS DE FUNDOS DE TERCEIROS (FUNDOS DE OUTRAS GESTORAS)

Nas aplicações em fundos de outras gestoras, deverá ser observado no momento da contratação do investimento os prazos de cotização e resgate. Este prazo passa a ser o seu valor de liquidez que deverá ser levado em consideração para fazer frente às obrigações (passivo), evitando-se o risco de liquidez de fluxo de caixa.

Preponderantemente, será direcionada aplicações em fundos de outras gestoras que tenham prazos de cotização e resgate inferiores ao fundo investidor da Ouro Preto Gestão de Recursos.

B. MONITORAMENTO DE PASSIVO

O chamado risco de liquidez de fluxo de caixa está relacionado com o surgimento de dificuldades para cumprir com o passivo (obrigações) do fundo nas datas previstas. Classificaremos internamente neste Manual de **GRL** dois tipos de passivos verificados em fundos, citam-se:

- **Passivo Mensurável** – é aquele que periodicamente se repete e factível de se estimar, como por exemplo: taxa de administração e performance, custódia, consultoria, taxa CVM e ANBIMA, auditoria, come-cotas (imposto periódico), compras de ativos e ajustes diários.

Todas as carteiras de fundos de investimento geridos deverão possuir um valor financeiro em caixa ou em aplicações de liquidez diária para o pagamento do Passivo Mensurável (acima mencionado), será controlado e enquadrado diariamente.

A Gestora examinará os fluxos de caixa futuros das carteiras dos fundos monitorando a previsão do saldo para **suprir 3 (três) meses** de despesas previstas, mantendo para tantos recursos em fundos de liquidez entre D+0 até D+15, operações compromissadas de 1 (um) dia ou ainda em títulos públicos que apresentem líquido mercado secundário.

- **Passivo Não Mensurável** – é aquele oriundo de retiradas (resgates), entradas (aplicações) e obrigações tributárias geradas por essas movimentações. Por sua vez, se buscará estimá-lo pelo critério de análise estatística do comportamento histórico de movimentações, com base dados de informações preferencialmente não inferiores ao período de um ano.

Fica estipulado que nenhum cotista pode possuir mais de 30% das cotas emitidas de um fundo de investimento aberto, com exceção: fundos exclusivos/restritos; fundos os quais tem por cotistas outros fundos da própria Gestora; ou ainda fundos recém criados - entendidos aqui

como fundos com menos de seis meses de constituição, podendo ser prorrogado essa condição por mais seis meses.

1. VALORES DE MOVIMENTAÇÃO (APLICAÇÃO/RESGATES) E COMPORTAMENTO ESTATÍSTICO DO PASSIVO

A Gestora visa atender preferencialmente aos investidores com perfil de investimentos de longo prazo, qualificados e aqueles que entendam os riscos associados às estratégias utilizadas pelos fundos, buscando assim diminuir movimentações súbitas de resgates.

Em condições ordinárias de mercado, será calculado, com critérios estatísticos e verificáveis, o comportamento histórico de movimentações (aplicações/resgate-liquidação financeira). Fica estipulado neste Manual de GRL, o perfil de resgates e aplicações dos fundos será medido de acordo com a média mensal dos últimos 12 (doze) meses.

Com base na média mensal acima mencionada, a Gestora estimará o comportamento do passivo de seus fundos em períodos/vértices de 1, 5, 21, 42, 63, 126 e 252 dias úteis, conforme metodologia própria descrita abaixo:

Entradas: a média mensal dos últimos 12 (doze) meses de entradas será dividida pelo vértice mais longo em análise, multiplicado pelo vértice analisado e multiplicado pela quantidade de meses analisados, por sua vez, este resultado será dividido pelo último patrimônio líquido da análise, chegando-se a um percentual médio das entradas no específico vértice.

Retiradas: a média mensal dos últimos 12 (doze) meses das retiradas será dividida pelo vértice mais longo em análise, e multiplicado pelo vértice analisado e multiplicado pela quantidade de meses analisados, por sua vez, este resultado será dividido pelo último patrimônio líquido da análise, chegando-se a um percentual médio das retiradas no específico vértice.

Por fim, a diferença deste percentual obtido de entrada e retirada resultará no percentual de movimentação do passivo, em seu específico vértice. A tabela base de informação será:

Vértices (D.U)	Movimentação Passivo		Passivo resultado
	entradas *	retiradas *	
1			
5			
21			
42			
63			
126			
252			

* média mensal dos últimos 12 (doze) meses

Para os fundos com previsão de prazo de cotização, esse prazo deve ser adicionado aos vértices acima mencionados. Fundos cotizados em dias corridos deverão ser ajustados para dias úteis.

Caso o fundo de investimento em análise tenha informações com período inferior a 6 (seis) meses, como histórico disponível, deve-se utilizar minimamente a análise de similaridade, justificando prazos analisados por: a) Tipo de fundo; b) Política de investimento; c) Regras de movimentação e d) Público-alvo.

O referido estudo do comportamento do passivo dos fundos em vértices de 1, 5, 21, 42, 63, 126 e 252 dias úteis, será abordado novamente adiante de forma complementar aos procedimentos de GRL.

2. GRAU DE DISPERSÃO DA PROPRIEDADE DAS COTAS

Será usado como indicador do grau de dispersão das cotas a Volatilidade (desvio padrão) calculada para 12 meses. Este indicador será monitorado nas reuniões do Comitê de Risco, e avaliadas em relação aos seus limites estabelecidos.

De forma objetiva, a volatilidade será uma variável que indica a intensidade e a frequência das oscilações no valor da cota do fundo de investimento analisado em um determinado período. Através desta variável é possível ter uma estimativa da faixa de valor que a cota poderá oscilar no futuro. Por exemplo, suponhamos que a cota do Fundo "A" possui uma volatilidade anual de 5%, considerando que hoje o valor da cota é R\$ 1,135, é a estimativa de oscilação da cota para os próximos 12 meses, tanto para cima quanto para baixo, será uma faixa estimada de oscilação que vai de R\$ 1,1918 a R\$ 1,0783.

Aumento da volatilidade no valor da cota dos fundos de investimento podem ocasionar aumento do número de resgates, e serão considerados neste Manual os procedimentos em cenários de estresse.

3. COTIZAÇÃO DOS FUNDOS PRÓPRIOS E PRAZO PARA A LIQUIDAÇÃO DE RESGATE EM CONDIÇÕES ORDINÁRAS

Os fundos têm sua cotização adequada à liquidação dos resgates de acordo com o que consta nos seus respectivos Regulamentos, onde se busca especificá-los de forma que os prazos de liquidação do passivo sejam compatíveis com a liquidez dos ativos da carteira e o fluxo de caixa do fundo (incluindo o ingresso de novos recursos-aplicações).

Definimos como percentual de resgate esperado em condições ordinárias a razão entre a média de resgates feitos nos últimos doze meses e o patrimônio médio dos últimos dozes meses. Porém, fica-se estipulado neste Manual de GRL, a condição mínima de 10% (dez por cento) da carteira a ser liquidada no período de cotização do fundo. Para fundos que tenham mais de

30% (trinta por cento) de seu patrimônio alocados direta ou indiretamente em operações de crédito esse valor e condições acima passam para 5% (cinco por cento).

C. DEFINIÇÃO DE CRITÉRIOS, MÉTODOS E SUPERVISÃO DE PROCEDIMENTOS

Como mencionado, os fundos têm sua cotização adequada à liquidação dos resgates de acordo com o que consta nos seus respectivos Regulamentos, porém outros procedimentos serão observados neste Manual de GRL e serão adotados pela Gestora, como o descrito abaixo.

Com base no comportamento do passivo estimado nos vértices de 1, 5, 21, 42, 63, 126 e 252 dias úteis (descritos acima em Monitoramento do Passivo), será contraposto nos mesmos vértices a liquidez dos ativos que compõem a carteira dos fundos. Esta contraposição dos resultados, em cada vértice, obtidos através da análise Ativo e Passivo determinará se existem descasamentos entre os prazos para liquidação destes, medidos como percentual do patrimônio líquido. A conclusão favorável será que a liquidez dos ativos deve ser maior ou igual à liquidez do passivo do fundo.

Em face ao risco de liquidez de ativos que compõem a carteira dos fundos, será aplicado um redutor, chamado Fator de Liquidez – Fliq1.

Abaixo tabela de Fliq1 – fundos destinados ao público qualificado.

Tabela de Fliq1 - fundos destinados ao público qualificado

ATIVO	Fliq1
CDB S (cláusula de recompra pela curva)	0%
Título Público	
Over	
<i>Eurobond</i>	25%
CDB N (sem recompra), CDB M (recompra a mercado)	40%
Letra Financeira	
Debenture ICVM400	
CDB Subordinado	60%
Letra Financeira Subordinadas	
Debenture ICVM476	
Nota Promissória	
Fundo de Investimento Imobiliário admitido à negociação em bolsa de valores	
Debenture ICVM400 com cláusula de Call	80%
Debenture ICVM476 com cláusula de Call	
DPGE	
FIDC Fechado	
CCB, CCCB	
CRI, CRA, CDCA, CCI, CPR	
Letra de Crédito	
Compromissada	
Fundo de Investimento Imobiliário	
COE – Certificado de Operações Estruturadas	

Caso algum ativo não esteja listado, a Gestora deverá adotar o percentual mais conservador (100%), até que haja uma nova revisão.

Abaixo, exemplificamos o resultado do modelo de monitoramento de liquidez.

FIM "Modelo Hipotético"					
público geral PL R\$ 1.650.000,00					
Ativo	prazo do ativo - dias	Valor mercado	% s/total	Redutor do Título	Valor ativo c/ redutor
Operações Compromissadas	1	R\$ 247.500,00	15%	0%	R\$ 247.500,00
Título Público	725	R\$ 396.000,00	24%	0%	R\$ 396.000,00
CDB - sem recompra	63	R\$ 82.500,00	5%	50%	R\$ 41.250,00
Nota Promissória	126	R\$ 66.000,00	4%	50%	R\$ 33.000,00
Debenture	452	R\$ 165.000,00	10%	75%	R\$ 41.250,00
FIDC Fechado	652	R\$ 165.000,00	10%	100%	R\$ 0,00
contas a pagar/receber		R\$ 33.000,00	2%	0%	R\$ 33.000,00
total					R\$ 792.000,00
Ações	3	R\$ 495.000,00	30%	Não Aplicável	R\$ 495.000,00
		R\$ 1.650.000,00	100%		

FIM "Modelo Hipotético"					
	público geral	PL R\$	1.650.000,00		
Ativo	prazo do ativo - dias	Valor mercado	% s/total	Redutor do Título	Valor ativo c/ redutor
Operações Compromissadas	1	R\$ 247.500,00	15%	0%	R\$ 247.500,00
Título Público	725	R\$ 396.000,00	24%	0%	R\$ 396.000,00
CDB - sem recompra	63	R\$ 82.500,00	5%	50%	R\$ 41.250,00
Nota Promissória	126	R\$ 66.000,00	4%	50%	R\$ 33.000,00
Debênture	452	R\$ 165.000,00	10%	75%	R\$ 41.250,00
FIDC Fechado	652	R\$ 165.000,00	10%	100%	R\$ 0,00
contas a pagar/receber		R\$ 33.000,00	2%	0%	R\$ 33.000,00
total					R\$ 792.000,00
Ações	3	R\$ 495.000,00	30%	Não Aplicável	R\$ 495.000,00
		R\$ 1.650.000,00	100%		

No exemplo acima, em que pesa a conta percentual de resultado do passivo apresentar-se negativa, a liquidez ajustada dos ativos que compõem a carteira do fundo é percentualmente maior que o percentual do passivo.

1. RISCO DE LIQUIDEZ ESTRESSADO

São consideradas situações especiais de mercado, ou seja, aquelas decorrentes da ocorrência de cenário de estresse, podendo influenciar na liquidez dos ativos do fundo e acarretar possibilidades de resgates em montante à média histórica aferida, isso em função de crise aguda nos mercados financeiros, ou alterações relevantes de cenários micro e/ou macroeconômicas.

Com essas considerações, observadas mudanças abruptas no histórico de desvio padrão (DP) da cota do específico fundo, resultado de 12 meses de DP comparado com um resultado de 1 mês de DP, será aplicado o cenário de estresse no fundo, e apresentado ao Comitê de Risco para deliberações, conforme resultado desta relação se estabelece os cenários abaixo:

- Cenário 1 - aumento maior que três vezes = $(DP\ 01\ mês / DP\ 12\ meses) > 3$:

A medida deste cenário de estresse será simular o maior resgate ocorrido em 12 meses no fundo de investimento (conforme critérios de cotização), e considerado 70% da média das novas entradas (aplicações) até o pagamento do resgate.

- Cenário 2 - aumento maior que quatro vezes = $(DP\ 01\ mês / DP\ 12\ meses) > 4$:

A medida deste cenário de estresse será simular o maior resgate ocorrido em 12 meses no fundo de investimento (conforme critérios de cotização), e considerado 50% da média das novas entradas (aplicações) até o pagamento do resgate.

A configuração das amostras será dada por (uso interno):

- Data inicial do período: 1 mês / 12 meses
- Calcular indicador usando série de cotações: diárias
- Mostrar Desvio Padrão / Volatilidade em base: anual

2. CONTINGÊNCIA PARA SITUAÇÕES ESPECIAIS DE LIQUIDEZ DAS CARTEIRAS DOS FUNDOS (ICVM 555, Art 39)

Em casos excepcionais de iliquidez dos ativos componentes da carteira dos fundos, inclusive em decorrência de pedidos de resgates em montantes incompatíveis com a liquidez existente, ou que possam implicar alteração do tratamento tributário do fundo ou do conjunto dos quotistas, em prejuízo destes últimos, a Gestora, poderá pedir ao administrador do fundo que declare o fechamento deste para a realização de resgates, devendo, nesta hipótese, adotar imediatamente os procedimentos descritos na legislação em vigor, levando em conta os princípios fiduciários a ela atribuídos em lei.

A decisão do acionamento da contingência “fechamento do fundo para resgates” caberá conjuntamente ao Diretor de Risco/Compliance e Diretor de Gestão, e deverá ser comunicada imediatamente por telefone ou por e-mail ao administrador do fundo sem prejuízo de confirmação posterior por escrito. Caso o administrador declare o fechamento do fundo para a realização de resgates, deve-se proceder à imediata divulgação de fato relevante. Caso o fundo permaneça fechado por período superior a 5 (cinco) dias consecutivos, o administrador deve obrigatoriamente, além da divulgação de fato relevante, convocar no prazo máximo de 1 (um) dia, para realização em até 15 (quinze), assembleia geral extraordinária para deliberações e procedimentos.

3. PERIODICIDADE DO MONITORAMENTO DE GRL

Os controles de **GRL** serão acompanhados e apresentados, referentes os fundos que a área de risco solicitar, junto as reuniões semanais do Comitê de Gestão de Risco, e em casos especiais, como situações de estresse do mercado, reuniões extraordinárias poderão ocorrer.

D. METODOLOGIA DE CÁLCULO DE LIQUIDEZ PARA FUNDOS COM INVESTIMENTOS EM ATIVOS DE CRÉDITO PRIVADO – FUNDOS DESTINADOS AO PÚBLICO EM GERAL

Para a análise de ativos de Crédito Privado que componham a carteira de fundos destinados ao público geral (investidores não qualificados), o procedimento será semelhante ao acima demonstrado em “b) **DEFINIÇÃO DE CRITÉRIOS, MÉTODOS E SUPERVISÃO**”, porém deverão ser observados os parâmetros da tabela Fliq1 colocados pelo organismo da Associação responsável pela gestão das informações (no presente caso a ANBIMA).

Tabela de Fliq1 - fundos destinados ao público em geral (definição ANBIMA)

ATIVO	Fliq1
CDB S (cláusula de recompra pela curva)	0%
Título Público	
Over	
<i>Eurobond</i>	25%
CDB N (sem recompra), CDB M (recompra a mercado)	50%
Letra Financeira	
Debenture ICVM400	
CDB Subordinado	75%
Letra Financeira Subordinadas	
Debenture ICVM476	
Nota Promissória	
Fundo de Investimento Imobiliário admitido à negociação em bolsa de valores	
Debenture ICVM400 com cláusula de Call	100%
Debenture ICVM476 com cláusula de Call	
DPGE	
FIDC Fechado	
CCB, CCCB	
CRI, CRA, CDCA, CCI, CPR	
Letra de Crédito	
Compromissada	
Fundo de Investimento Imobiliário	
COE – Certificado de Operações Estruturadas	

Adicionalmente os fundos estruturados, como por exemplo FIDCs, apresentam calendários de liquidações dos ativos em consonância com as amortizações para pagamento de cotistas, definidos em seus regulamentos, desta forma o produto FIDC pode fornecer certa liquidez em médio prazo através de processos de amortizações programadas ou ainda por deliberação de AGC – Assembleia Geral de Cotistas, e assim poder-se evoluir no cálculo dos parâmetros de liquidez da tabela Fliq1 entre 50% e 75%.

Pode ocorrer o Fator de Liquidez 2 – Fliq2, o qual discrimina títulos com maior grau de negociabilidade (inicialmente debêntures), obtidos a partir dos principais indicadores de liquidez, neste caso consultar a tabela Fliq2 do organismo da Associação responsável pela gestão das informações.

V. ESTRUTURA DE RISCO (LIQUIDEZ) E DIRETOR RESPONSÁVEL

Abaixo é designado e apresentado o profissional responsável por implementar e monitorar o GRL dos fundos de investimento da Gestora:

Informações do Diretor Estatutário
Nome: Sr. João Baptista Peixoto Neto
Cargo: Diretor de <i>Compliance</i> e Riscos
Telefone para Contato: (11) 3080-8170
E-mail para Contato: compliance@ouropretoinvestimentos.com.br

Os colaboradores dedicados às atividades de gerenciamento de risco, dentre as quais o GRL, tem por responsabilidades:

- i. Calcular na periodicidade prevista neste Manual, o nível de liquidez dos fundos geridos pela Gestora; e
- ii. Disponibilizar relatórios que demonstrem o nível de liquidez aferido ao Diretor de Gestão de Recursos;

Uma vez identificado o desenquadramento de um fundo, o Diretor responsável pela gestão de riscos deve notificar o gestor e solicitar o reenquadramento, e, quando este não o fizer, o Diretor responsável pela gestão de riscos é quem fará a adequação imediata.

A Gestora atesta que os colaboradores dedicados às atividades de gerenciamento de risco e seu comitê específico não estão subordinadas à área de Gestão de recursos ou a qualquer área comercial.

VI. PREVISÃO REGULATÓRIA E AUTORREGULATÓRIA

<ul style="list-style-type: none">• CVM	<ul style="list-style-type: none">• Instrução CVM nº 558, de 26 de março de 2015 (“ICVM 558”). Art. 14. O administrador de carteiras de valores mobiliários, pessoa jurídica, deve manter página na rede mundial de computadores com as seguintes informações atualizadas: IV – política de gestão de risco; Art. 23. O gestor de recursos deve implementar e manter política escrita de gestão de riscos que permita o monitoramento, a mensuração e o ajuste permanentes dos riscos inerentes a cada uma das carteiras de valores mobiliários. I – os procedimentos necessários à identificação e ao acompanhamento da exposição aos riscos de mercado, de liquidez, de concentração, de contraparte, operacionais e de crédito, que sejam relevantes para as
---	---

	<p>carteiras de valores mobiliários;</p> <ul style="list-style-type: none">• Instrução CVM nº 555, de 17 de dezembro de 2014 (“ICVM 555”). Art. 39. No caso de fechamento dos mercados e/ou em casos excepcionais de iliquidez dos ativos financeiros componentes da carteira do fundo, inclusive em decorrência de pedidos de resgates incompatíveis com a liquidez existente, ou que possam implicar alteração do tratamento tributário do fundo ou do conjunto dos cotistas, em prejuízo destes últimos, o administrador pode declarar o fechamento do fundo para a realização de resgates. Art. 91. O administrador e o gestor devem, conjuntamente, adotar as políticas, procedimentos e controles internos necessários para que a liquidez da carteira do fundo seja compatível com: I – os prazos previstos no regulamento para pagamento dos pedidos de resgate; e II – o cumprimento das obrigações do fundo
<ul style="list-style-type: none">• Ofício-Circular nº 10/2015/CVM/SIN	Este Ofício-Circular apresenta esclarecimentos sobre dispositivos da ICVM 558, com o objetivo de orientar quanto à melhor forma de cumprir a referida norma.